



A Lenda do Pai Inácio

Versão e inversão branca

Líllian Pacheco

Adaptação da lenda do Pai Inácio - tradição oral de Lençóis

Série Mitos e histórias das vivências
da Pedagogia Griô – vol II
Para crianças de 7 a 120 anos

Líllian Pacheco

A Lenda do Pai Inácio

Adaptação da lenda do Pai Inácio - tradição oral de Lençóis

Versão e inversão branca

Série - Mitos e histórias das vivências
da Pedagogia Griô – vol II
Para crianças de 7 a 120 anos

Edição
Grãos de Luz e Griô
Lençóis - BA, 2015

FICHA CATALOGRÁFICA:

Pacheco, Líllian.

A Lenda do Pai Inácio, Edição Grãos de Luz e Griô, Lençóis, BA, 2015

1. Mito. 2. Negro. 3. História 4. Lenda do Pai Inácio. 5. Pedagogia Griô.
6. Chapada Diamantina.

Dedicatória

Dedico este livro a educadores que cuidam da consciência histórica das crianças e jovens brasileiros.



Créditos

Autoria do texto

Líllian Pacheco

Coordenação e produção

Líllian Pacheco e Márcio Pial

Projeto Gráfico

Márcio Pial e Líllian Pacheco

Artes gráficas

Márcio Pial e Nosde Rap

Capa

Ilustração: Delvan Quilombola

Arte Gráfica: Márcio Pial

Fotografia

Márcio Pial e Uilami Dejan

Ilustrações

Delvan Quilombola

Revisão de textos

Lessi Pacheco

Edição

Grãos de Luz e Griô, 2015

Impressão

Gráfica Santa Bárbara LTDA – Salvador - BA, 2015

Apresentação

Versões e inversões em preto e branco versam nosso ser brasileiro. Não é suficiente clarear, é preciso escurecer, se ver no escuro e na história que só o preto conta. Lenda do Pai Inácio tem um roteiro contado e recontado pelos guias em cima do morro do Pai Inácio, patrimônio ambiental da Chapada Diamantina.

A história tem diversos pontos de vista. Reinventamos aqui a inversão branca da versão preta vivida pelo povo negro da Chapada Diamantina. E inventamos a inversão preta com o livro e filme *A Lenda de Pai Inácio ou Kokumo?*

Um dos desafios da educação e da Pedagogia Griô é compreender a linguagem, os símbolos e o poder que os mitos têm na formação da história de vida, da identidade e ancestralidade das crianças e jovens do Brasil. Para qual mito a nossa vida flui ou é manipulada a fluir? Paixão ou liberdade? Se apaixonar pela liberdade ou se libertar pela paixão?

Leiamos as versões e as inversões que o mito faz refletir sobre a nossa própria história.

Lillian Pacheco





Era uma vez uma chapada de diamantes muito distante. Um oásis no meio do sertão do nordeste do Brasil . Lá conviviam espécies da Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e Caatinga.





As serras desta chapada nasceram há bilhões de anos em choques das placas tectônicas que sustentam o continente sul americano. As placas de pedra bóiam formando um quebra cabeça sobre as larvas de fogo do centro da terra.





Algumas placas se chocaram e subiram umas nas outras fazendo serras bem planas. Outras subiram juntas fazendo serras pontudas.

Hã mais de dez mil anos, o ser humano começou a povoar as Américas constituindo uma diversidade de povos e línguas. Até que nasceram os tataravôs dos nossos avôs e se formou o povo Payayã nas serras do leste, no centro da Bahia.





Um dia, estavam viajando por essas terras, europeus, povos que vieram do outro lado do Oceano Atlântico em busca de uma passagem pelos mares do oeste para colonizar as riquezas das Índias orientais.

Encontraram as Américas pensando que chegaram na Índias. Assim, chamaram a infinidade de povos nativos diferentes das américas com o nome de índios. E resolveram invadir, roubar, explorar, catequizar, colonizar, aprender, ensinar, guerrear, pesquisar e amar. Até criar novas e diferentes etnias.





Os viajantes desta história eram pesquisadores. Eles estavam aprendendo sobre as plantas da chapada que são endêmicas em todo o planeta. Mas procura planta aqui, procura planta ali, o que eles e seus guias negros encontraram? Diamante.



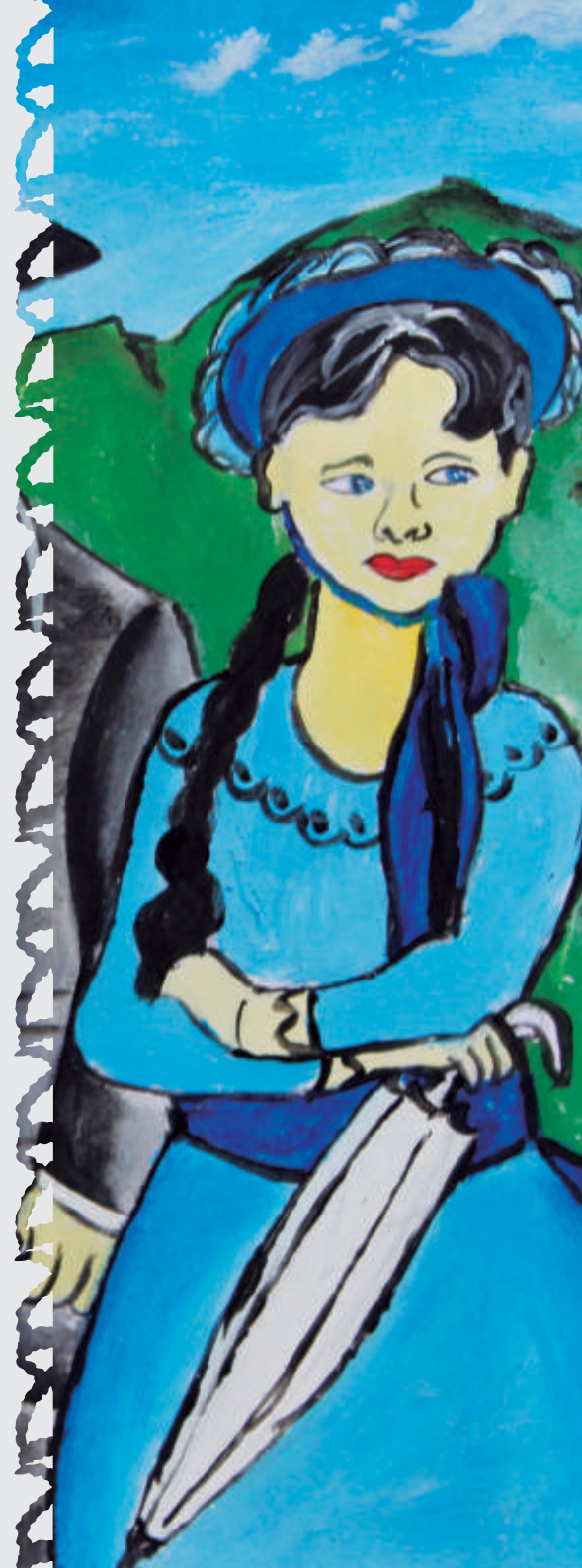


A notícia se espalhou.

Nessa época já tinha europeu dono de muita fazenda em Minas Gerais e perto da Baía de Todos os Santos. Eles eram chamados de barões e escravizavam os povos originários do Brasil e povos da África, que foram presos em guerras, em emboscadas, em conflitos dos reinos e aldeias. Traziam da África reis, rainhas, administradores, artesãos, ferreiros, agricultores, todos que precisavam em suas fazendas. Era o trabalho escravo, um dos comércios mais horripilantes que o ser humano já fez no mundo.

Vários barões mineiros e baianos vieram para as serras do nordeste em busca do diamante. Guerrearam, exploraram, expulsaram e mataram os Payayãs. Poucas famílias Payayãs resistiram heroicamente. As serras foram divididas entre as famílias dos barões e chamadas de Chapada Diamantina.

- Minha filha, olhe o horizonte, um dia todas estas terras, até onde você não pode ver, todos os negros e índios escravos garimpeiros, tudo será seu -, falou o barão caminhando em suas terras com a sua filha.





Foi assim que Sinhazinha viu pela primeira vez o negro chamado Inácio. Ele era forte, muito inteligente e habilidoso, tinha conhecimentos de artesanato, de palha, de algodão, de rede de pesca, de ervas para curar, de garimpo de pedras preciosas e falava três línguas: português, yorubã e tupi guarani.





Foi amor a primeira vista. Olhos nos olhos um do outro. Parecia que as placas tectônicas da chapada tinham voltado a se chocar e o fogo do centro da terra a explodir. No mesmo dia eles marcaram um encontro.

“Menina dos olhos pretos, cabelos da mesma cor, tu me dá teu coração, que eu te dou o meu amor; te darei o meu amor, te darei meu coração, quando for no fim do ano te darei a minha mão”.

Cantiga aprendida pelo Velho Griô com mestre João da Penha, do Vale do Gramame, João Pessoa, Paraíba.





Só que na Fazenda, como em todo lugar,
tinha cagoete.

- Você sabia que o negro Inácio está com
graça com Sinhazinha?

- Não é possível, Inácio me traiu-, gritou
indignado o barão.





O fato passou pelos ouvidos de quem queria proteger Inácio e chegou ao ouvido de Sinhazinha:

- Você sabia que o barão mandou pegar o Inácio vivo ou morto?





- Corra Inácio, se salve, meu pai vai mandar o capataz lhe matar!

- Não tenho medo, não vou fugir!

- Fuja por mim Inácio. Leve esta minha sombrinha como prova do meu amor.

- Eu vou, mas eu volto para lhe buscar, meu amor!





Inácio fugiu para os morros da chapada e ninguém o encontrou por muito tempo. Inácio vivia sozinho em cima do morro e ajudava a curar as pessoas que moravam ali escondidas no mato com a sua sabedoria. Assim ele passou a ser chamado Pai Inácio.

E o capataz do barão não parava de procurá-lo.

“Caranguejinho tá andando tá andando, caranguejinho tá andando tá andando. Oi tá na boca do buraco, caranguejo sinhá, oi tá na boca do buraco, caranguejo sinhá”.

Cantiga aprendida pelo Velho Griô com as catadoras de caranguejo do Maranhão.





Um dia a notícia de que tinha fumaça em cima do morro chegou aos ouvidos do capataz.

O capataz subiu o morro desconfiado que ali era o esconderijo de Inácio.

- Morra Inácio!

- Prefiro morrer saltando do morro do que nas mãos injustas de capatazes e barões.

Pai Inácio foi até a pedra do mirante do morro, se jogou com a sombrinha de Sinhazinha nas mãos. Deixou a sombrinha voar e se escondeu nas fendas das pedras, abaixo do mirante.

O capataz, certo de que Pai Inácio havia morrido, desceu a serra para levar seu corpo até o barão e viu a sombrinha sozinha no chão. A notícia sobre o corpo de Pai Inácio correu nas redondezas da fazenda.

- Ele sumiu! Ele voou! Ele é uma lenda!

Foi assim que nasceu a Lenda do Pai Inácio.





Os mais apaixonados contam que
tempo depois Sinhazinha chorava na
beira do rio com a sua sombrinha.

- Eu lhe falei que eu voltaria, minha
amada!

- Inácio!

- Vamos fugir e pra sempre ser feliz.

*“Lá vem o rei e a rainha, o rei é seu e a rainha é
minha”*

Cantiga aprendida pelo Velho Griô na festa do
Divino Goiânia - GO.





A autora

Lílian Pacheco é **escritora, educadora griô, educadora biocêntrica, assessora em avaliação e planejamento, diretora e produtora cultural, coordenadora de projetos. Criadora da Pedagogia Griô**, idealizadora, coordenadora e/ou educadora dos Cursos de Extensão e Pós Graduação em Pedagogia Griô na USP, Unicamp e na UFRJ;

Autora, organizadora e/ou produtora dos livros: **“Pedagogia Griô: a Reinvenção da Roda da Vida”, “Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro”** referenciados em trabalhos de graduação, mestrado e doutorado na UNICAMP, UFBA, UEFS, UFRJ e UFRRJ; “O Mito do Diamante”, “O Amor e a Amora: as lutas de uma mulher com deus”, “Saber de Parteira”; “O Boi Estrela de Igatu”; “As Filhas de Oyá”, “A Lenda do Pai Inácio: versões e inversões brancas”, “O mito Filtro de Sonhos” e “A Lenda de Pai Inácio ou Kokumo: versões e inversões pretas”; Jogo de Trilha Griô; Autora de Artigos ou entrevistas nas Revistas: Dossie Pedagogia Griô - Diversitas, USP 2015; Forum - 2010; Conhecimento e Cidadania 6 -Tecnologias Sociais vol 2-2008; RAIZ – 2006, 2007; Nova Escola 2001, 2009; Americana- 2007; Revista Escola Viva SPPC MinC – 2008; Presente – CEAP – 2008; Retrato 2010.

Premiada nacionalmente: **Primeiro lugar entre 1834 projetos no Brasil pelo Prêmio Itaú Unicef 2003; Destaque como Ponto de Cultura do Prêmio Cultura Viva – MINC 2007; primeiro lugar entre 800 projetos do Brasil no Prêmio Democratização Cultural - 2008;** Educação Patrimonial - IPHAN-BA 2006; Prêmio Escola Viva 2007; Prêmio Aretê - MinC, 2010; Prêmio Tuxaua – MinC, 2010; Prêmio Pontinhos de Cultura - Secult BA, 2014.

Idealizadora e coordenadora do projeto **Oficinas Grãos de Luz e Griô** (desde 1997) para educação de crianças e jovens, em parceria com Actionaid, Criança Esperança, Programa Monumenta IPHAN, Ministério do Trabalho, Bovespa, ABC Trust – Inglaterra, AGLAE-Suíça, Ong LeNa-Espanha, Espaço Nordeste/Banco do Nordeste; **o projeto Trilhas Griôs de Turismo de Base Comunitária** (desde 1998) em parceria com a TAM, Programa Monumenta-IPHAN, Ministério do Turismo, Ministério do Trabalho, SETRE - Secretaria do Trabalho da Bahia, Rede Turisol, SEPRONI- Bahia e SECULT-BA; **o projeto Ação Griô Nacional e a Lei Griô** (desde 2006) em parceria com o Ministério da Cultura, Instituto Votorantim, Secretaria de Cultura da Bahia, Rede Ação Griô Nacional, Comissão Nacional dos Griôs e Mestres; o projeto **Griô na Escola, na Internet e na TV** (desde 2009) em parceria com o Ministério da Cultura, Instituto Votorantim, Fundação Vivo e TV Brasil; o projeto **Formação na Pedagogia Griô** (desde 1998) e o projeto **Universidade Griô** (desde 2009) em parceria com a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, a Secretaria de Educação e Cultura de Lençóis, o Ministério da Cultura, Actionaid, UFRJ, USP, UFBA. Participação em entrevistas e matérias sobre os projetos nos jornais “O Estado de São Paulo” – 2003; “A Tarde” – 2001, 2002, 2003, 2004, 2013, 2014; Jornal “O Comércio de Pernambuco” – 2004; Jornal da Galícia – 2005 e 2009; Jornal “Correio da Bahia” – 2003; Diário Oficial do Estado da Bahia – 2003; Jornal O Estado de São Paulo” – 2005, 2007, 2009.

Diretora, roteirista e/ou produtora de 14 aulas espetáculos envolvendo atores sociais de grupos e comunidades tradicionais de todas as idades, com os títulos: Mãe Água; Três Vidas e um Rio; A menina e o menino; Sou Negro; Griô: a tradição viva; A História de Dona Bela; O Mito do Diamante; Heróis e mitos afro-brasileiros; A história da Sanfona; A História da Black Music; A História do Reggae; A Copa (não) vai acontecer; A nossa História; Por amor à vida - Lixão Não! Três aulas espetáculos selecionados para representar o Brasil em festivais internacionais e dezesseis festivais regionais.

Pensadora na área de Educação selecionada pelo MinC/ANCINE-2014 para apresentar diretrizes para a comunicação com crianças brasileiras por meio de TVs Comunitárias e TVs Públicas. Produtora, roteirista e ou diretora de mais de 25 vídeos e matérias de programas para veiculação na TV Brasil, TV Futura, TV Globo, TV Cultura, TV Educativa BA, TV Bahia, TV LBY, TiVi Griô sobre educação, cultura e tradição oral. Conferencista sobre a Pedagogia Griô e políticas de cultura, educação, tradição oral e turismo comunitário em diversos fóruns, conferências e congressos regionais e nacionais desde 1998; ex-Presidente do Conselho da Criança e do Adolescente de Lençóis Ba – 1998 a 2002.

Dicionário

Cagoete - ou alcaguete, alcoviteiro, espião, delator, denunciador;

Payayá – etnia/povos originários da família lingüística dos kariris que habitavam a região situada no centro da Bahia, atual Chapada Diamantina e seu Piemonte, entre os rios Itapicuru Açu e Paraguaçu, e entre o Médio São Francisco e o Recôncavo baiano.

Tupi Guarani - do tronco tupi, é uma das línguas dos povos originários mais conhecidas do Brasil e em outros países da América do Sul. O guarani é idioma oficial do Paraguai.

Velho Griô - griô caminhante iniciado pelos mestres griôs do Brasil e da África. Ele caminha entre comunidades rurais, de periferia, tradicionais do Brasil aprendendo e ensinando a cultura do povo brasileiro. É um arquétipo do caminhante Márcio Caires reinventado pela Pedagogia Griô, inspirado e abrazeirado do griô africano (griot).

Yorubá - grupo étnico e língua falada na Nigéria, África.





Caminhando nas escolas

A Pedagogia Griô é uma pedagogia criada por Lílian Pacheco entre 1998 e 2006, tendo como co-criador Márcio Caires, a partir de suas vivências como educadores e coordenadores pedagógicos do Grãos de Luz e Griô, em comunidades de Lençóis, Bahia, sistematizada no livro Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida, ver em publicações www.graosdeluzegrio.org.br.

A Pedagogia Griô foi compartilhada no Brasil no programa Ação Griô Nacional entre 2006 a 2010, programa criado e coordenado por Lílian e Márcio no Ministério da Cultura. Os resultados das vivências da Pedagogia Griô e das experiências da Ação Griô em comunidades quilombolas, indígenas, de periferia, rurais e ribeirinhas foram compartilhadas no livro "Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro". A Pedagogia Griô conta ainda com uma sistematização acadêmica no dossiê Pedagogia Griô na revista Diversitas – USP.

O Grupo de Jovens do Grãos de Luz e Griô caminhou nas escolas com a aula espetáculo *A Lenda do Pai Inácio* que envolve contação de história, dramatização, cantos e danças da tradição oral aprendidas com os mestres griôs e griôs aprendizes de Lençóis e do Brasil.

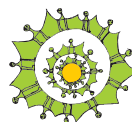
Associação Grãos de Luz
CNPJ 04.731.005/0001-45

Rua Nossa Senhora da Vitória, s/n, Lençóis - BA
Cep: 46.960-000 Telefone: (75) 3334 - 1040

E-mail: graosdeluzegrio@gmail.com


Facebook: <https://www.facebook.com/GraosdeLuzeGrio?ref=hl>

Site: www.graosdeluzegrio.org.br



Grãos de Luz e Griô

Ponto de Cultura



Para qual mito a nossa vida
flui ou é manipulada a fluir?
Paixão ou liberdade?

Se apaixonar pela liberdade
ou se libertar pela paixão?

Realização e Edição:



Grãos de Luz e Griô
Ponto de Cultura

Parceria:



SECRETARIA DO
TRABALHO, EMPREGO
RENDIA E ESPORTE

act:onaid

Instituto
UNIBANCO

&

